

UMA ANÁLISE ACERCA DAS CONCEPÇÕES DE APOLÍNEO E DIONISÍACO NA FILOSOFIA NIETZSCHIANA

Nátali Nicole Ramos do Canto*
Douglas João Orben**

Resumo: O presente artigo pretende analisar o universo apolíneo e dionisíaco na primeira fase do pensamento nietzschiano, especialmente na obra *O Nascimento da tragédia* (1872). Inicialmente, aborda-se a forte influência de Schopenhauer nesse momento da filosofia de Nietzsche, principalmente a partir dos conceitos de vontade e representação. Em seguida, o texto apresenta a origem mitológica dos deuses gregos Apolo e Dionísio, de modo a ressaltar a importância que Nietzsche atribui à arte trágica, ao manifestar a união dos impulsos (antagônicos) apolíneos e dionisíacos. Por fim, busca-se expor as vigorosas críticas nietzschianas às abstrações metafísicas da filosofia tradicional, a qual, desde Sócrates, produziu uma tendência constante de afirmação do apolíneo e negação do dionisíaco. Dessa maneira, torna-se fundamental resgatar a dimensão dionisíaca, de modo a revalorizar e afirmar o mundo, a cultura e a vida.

Palavras-chave: Nietzsche. Apolíneo. Dionisíaco. Arte.

AN ANALYSIS OF APOLLONIAN AND DIONYSIAN CONCEPTIONS IN NIETZSCHE'S PHILOSOPHY

Abstract: The purpose of this article is to analyze the Apollonian and Dionysian universe within Nietzsche's first phase, especially in light of the work *The Birth of Tragedy* (1872). Initially, we approach the strong influence of Schopenhauer at that point in Nietzsche's philosophy, mainly from the concepts of will and representation. Following, we present the mythological origin of the Greek gods Apollo and Dionysius, in order to emphasize the importance that Nietzsche attributed to tragic art, by manifesting the union of Apollonian and Dionysian (antagonistic) impulses. Finally, we seek to

* Acadêmica do 8º Semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina - FAPAS, Santa Maria, RS. E-mail: natalidocanto@gmail.com

** Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e professor do curso de Filosofia da Faculdade Palotina - FAPAS, Santa Maria, RS. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5245-7630>. E-mail: douglasorben@hotmail.com

expose the vigorous Nietzschean criticisms of the metaphysical abstractions of traditional philosophy, which, since Socrates, produced a constant trend of affirmation of the Apollonian and negation of the Dionysian. As a conclusion, we therefore understand that it's essential to rescue the Dionysian dimension, in order to revalue and affirm the world, culture and life.

Keywords: Nietzsche. Apollonian. Dionysian. Art.

Considerações iniciais

A filosofia estética nietzschiana é um mergulho apaixonante na arte. A arte tem a incrível tarefa de trazer sentido à vida, de modo que é pela ótica desse autor que nesse escrito buscaremos falar sobre aspectos do universo apolíneo e dionisíaco, como impulsos estéticos presentes na origem da tragédia grega. Esses, ao se relacionarem, possibilitam a criação da arte e o seu contínuo desenvolvimento. Para Nietzsche, esses impulsos são dicotômicos, complementares e harmônicos, pelo que são partes integrantes do processo de vir-a-ser de toda a realidade e do ser humano.

Para essa análise, utilizaremos a primeira obra de Nietzsche, *O Nascimento da tragédia*. Inicialmente, buscaremos alguns conceitos nietzschianos relacionados à filosofia de Schopenhauer, para que possamos identificar a origem e a apresentação dos mitos gregos. Nesses há uma conjugação dos elementos apolíneos e dionisíaco, de modo que podemos compreender como essas pulsões se relacionam com a origem da arte trágica e possibilitam à arte o seu *status* de tarefa suprema.

Em seguida, mostraremos que a filosofia nietzschiana é uma forte busca pelo universo dionisíaco, consequência da vitória de Apolo sobre Dionísio, uma vez que esse foi sistematicamente reprimido pela afirmação constante daquele. Em função disso, a humanidade passou a valorizar

conceitos abstratos e a buscar uma verdade absoluta, através de uma ciência que seria capaz de esclarecer todos os problemas do mundo. Em contrapartida, a filosofia esqueceu-se de outra dimensão também fundamentalmente humana, promovida pelo inconsciente: os instintos, os desejos, os sentimentos. Com o advento do pensamento filosófico, demonstrar essas paixões tornou-se sinônimo de fraqueza e fragilidade, de modo que os elementos dionisíacos converteram-se em fraquezas e os apolíneos tornaram-se fonte de moralidade e virtude.

1 Influências nietzschianas em O Nascimento da tragédia

O presente escrito tem como objetivo abordar o universo apolíneo e dionisíaco presentes na primeira fase da obra nietzschiana. Por essa razão, utilizaremos a primeira obra do filósofo alemão, *O Nascimento da tragédia*. Esta obra faz parte da juventude de Nietzsche, período em que teve contato com a filosofia de Arthur Schopenhauer, especialmente com a obra *O Mundo com vontade e representação*.

Primeiramente, para que possamos compreender os conceitos dicotômicos, apolíneo e dionisíaco, é necessário apontarmos que há uma aproximação da filosofia de Nietzsche com a de Schopenhauer, na obra nietzschiana em questão. Nesse sentido, Nietzsche inicialmente “dá à arte o mesmo fundamento sentido de calmante atribuído por Schopenhauer. Em *O Nascimento da tragédia*, o fundamento do mundo para Nietzsche era caótico e sem sentido, e por isso gerava sofrimento” (BORGES, 2004, p. 55).

A filosofia schopenhauereana tem os seus fundamentos na filosofia kantiana, no que tange a sua teoria do conhecimento. Para Kant, há uma separação entre aquilo que é o fenômeno e a coisa em si. Dessa maneira, se estabelece um limite para o conhecimento humano, pois só é possível

conhecer o âmbito fenomênico, enquanto a coisa em si permanece intangível à intuição humana. Schopenhauer aplica essa distinção a sua metafísica, estabelecendo assim uma dualidade, a saber: o mundo da representação, que se refere à aparência das coisas; e o mundo da vontade, que revela a essência, a coisa em si. O mundo da representação, portanto, refere-se aos fenômenos, os quais manifestam a mera aparência da realidade, não revelando a sua essência. Por lado, a vontade é a verdadeira essência do mundo, ela revela a coisa em si que Kant não encontrou.

Nesse sentido, o mundo governado pela ordem estrutura-se a partir de dois princípios: o de individuação; e o de da razão suficiente ou causalidade. Dessa maneira, “o princípio de individuação, Schopenhauer entende o espaço e o tempo, que individualizam, multiplicam e fazem suceder os fenômenos” (DIAS, 1997, p. 8), ou seja, o determinar dos fluídos. Já o princípio de causalidade afirma que todo o fenômeno deve ter uma razão de ser. Desse modo, o mundo da representação limita-se apenas à esfera de aparência, não revelando a sua essência.

Contudo, em Schopenhauer a verdade não se apresenta na aparência, caracterizada no campo de nossa consciência. Dessa forma, a essência do mundo real está na vontade, pois a vontade não pode ser representada, ela “não é algo consciente, mas um impulso cego, a coisa-em-si, o conteúdo interno que move o mundo, sua essência” (SANTOS, 2008, p. 5). Outro aspecto importante da filosofia de Schopenhauer diz respeito ao pessimismo, pois, além da vontade ser a essência do ser, é também dor e sofrimento que se apresentam na própria natureza. Ademais, no homem esses elementos se objetivam de uma forma mais clara como tensão e, portanto, esse percebe seu sofrimento porque possui um corpo. Nesse sentido, Dias afirma o seguinte:

Através do corpo que o homem tem a consciência interna de que ele é vontade, um em-si. Agora, não do corpo visto de fora, no espaço e no tempo, não como objetivação da vontade, como representação, mas enquanto imediatamente experimentado em nossa vida afetiva. É na alternância entre dores e prazeres, faltas e satisfações, desejos e decepções que surge a vontade como essência e princípio do mundo, como querer sem dono, transindividual, cego e sem razão, em sua tenebrosa e abismal perpetuação (1997, p. 9).

Apesar do ser humano estar condenado a sofrer enquanto estiver aprisionado à vontade, pois esta é a sua natureza, ele é o único ser capaz de perceber essa realidade. Sendo assim, para deixar de sofrer é preciso, segundo Schopenhauer, negar a vontade e, portanto, a contemplação estética seria a solução, uma vez que a arte tem um caráter libertador. Nesse sentido, o homem esquece-se dele mesmo e da vontade, pois:

O sujeito se perde no objeto da percepção. Torna-se um claro espelho do objeto. Deixa de se preocupar consigo mesmo como um objeto espaço-temporal, deixa de ver os objetos em relação com a vontade individual e se torna repentinamente “sujeito puro de conhecimento”, isto é, destituído de vontade (DIAS, 1997, p. 13).

Posto isso, assim como em Schopenhauer, para Nietzsche a vida também é dor e sofrimento. Dessa maneira, Nietzsche apropria-se das concepções de vontade e representação para a sua filosofia estética, de modo que estas noções passam a ganhar uma nova roupagem por meio de dois impulsos artísticos presentes no mundo: o apolíneo e o dionisíaco. O impulso artístico apolíneo relaciona-se ao princípio de individuação, ao racional ou ao fenomênico, já o impulso artístico dionisíaco representa a vontade, a essência ou a coisa em si kantiana.

2 Apolíneo e dionisiaco: considerações gerais

A filosofia nietzschiana tem como um dos seus objetivos uma busca de novas maneiras de se pensar o homem e a cultura ocidental, uma vez que em seu contexto a sociedade estava tomada por uma forte concepção de ciência que tinha a pretensão de responder todos os problemas do mundo pela razão. Essa ambição da razão moderna incomodava profundamente o filósofo alemão. Desse modo, ao se deparar com a cultura grega clássica, principalmente dos autores pré-socráticos e trágicos, Nietzsche buscou elementos filosóficos e artísticos para uma nova concepção de cultura. Nesse sentido, a filosofia de Schopenhauer possibilitou ao filósofo uma profunda análise da cultura grega, de modo que “questionando a cultura helênica descobriu forças contrárias na civilização grega antiga, o apolíneo e o dionisiaco” (SALES, 2014, p. 90-91).

Em termos gerais, o apolíneo e o dionisiaco são conceitos antagônicos, que se expressam como impulsos artísticos harmônicos. Com isso, Nietzsche buscou nos mitos dos deuses gregos a ideia de apolíneo, que tem a sua origem no deus do sol, Apolo, o qual se relaciona com a concepção de racionalidade, bem como o dionisiaco no deus da embriagues e do vinho, Dionísio, o qual se refere ao que tange à irracionalidade. Esses deuses representam conceitos artísticos, na medida em que ambos os são deuses da arte. A arte apolínea corresponde à arte plástica, já a arte dionisiaca à música.

Outro ponto a ser considerado sobre os impulsos da arte aqui mencionados é o seguinte: esses dos princípios estéticos dicotômicos e interdependentes estão presentes no nascimento da tragédia grega, pois, ao se relacionarem, tornam possível a arte e o seu contínuo

desenvolvimento. Nesse sentido, Nietzsche proporciona à arte a tarefa suprema da vida, de modo que essa não busca uma verdade absoluta, e sim uma forma de dar sentido à vida. Os impulsos apolíneos e dionisíacos constituem, portanto, elementos fundamentais para a vida humana.

2.1 O Mito de Apolo e Dionísio

Os conceitos opostos, apolíneo e dionisíaco, presentes na obra nietzschiana têm origem nos deuses mitológicos, Apolo e Dionísio. Mas quem são Apolo e Dionísio? Vasconcellos (1998), em sua obra *Mitos Gregos*, conta-nos que Apolo nasceu através de uma traição do deus Zeus com a sua amante Latona. Hera, a esposa de Zeus, enciumada torna Latona a sua vítima, não permitindo que ela dê à luz a Apolo em seu reino. Poseidon, deus dos mares, faz surgir uma ilha do oceano, cedendo o espaço para que Latona pudesse gerar Apolo e sua irmã Ártemis. Como forma de gratidão, Apolo haveria de fixar com as suas setas a ilha que se tornaria conhecida como Delos. Porém, antes do nascimento de Apolo, Latona ainda teve que enfrentar a cólera de Hera: a deusa reteve no céu Ilítia que ajudava as mulheres a dar à luz, e o parto tardava. Hera só aceitou enviar Ilítia quando outras deusas, com pena de Latona, enviaram um belo colar a Hera.

Quando Apolo nasceu, era o sétimo dia do mês, e sete cisnes voaram sete vezes ao redor da ilha. Do pai recebeu uma carruagem puxada por cisnes, que a conduziu-o a Delfos. Jovem e belo apresentava-se sempre Apolo. Sua cabeça era coroada por raios, pois ele era o próprio Sol, e por isso era também chamado de Febos, o “brilhante”. Era também o deus da música e da poesia, da forma, da configuração, de uma busca por uma perfeição, harmonia e medida. Nesse sentido, Apolo expressa para os

Gregos a racionalidade, ou seja, o logos e clareza da verdade. (VASCONCELLOS, 1998, p. 100-103).

Dionísio, por sua vez, (na obra supracitada) é considerado como o Deus do vinho, do teatro e das orgias sagradas. O deus também nasceu da traição de Zeus, dessa vez com uma mortal, Sêmele. Hera provocada pelo ciúme tenta se vingar, buscando matar Dionísio através da Sêmele que estava grávida. Inicialmente, Hera tenta conquistar Sêmele, de modo que a induziu a fazer um pedido ao amante: que Zeus aparecesse em forma de deus, pois ela sabia que um mortal não suportaria tal visão. Hera convenceu Sêmele. Zeus tinha prometido à amante que nunca lhe negaria nada, e esse que sempre se apresentava de forma humana é forçado a assumir a forma de deus. Consequentemente, o palácio pega fogo e Sêmele morre queimada. Zeus consegue salvar o seu filho tirando-o do ventre da mãe, e abrindo um corte costura Dionísio em sua coxa para que pudesse completar a gestação. E, assim, algum meses depois, nasceu Dionísio, do próprio corpo de Zeus. Para evitar que Hera perseguisse novamente Dionísio, Zeus o transforma em Bode. A vida toda Dionísio passa se metaforizando para evitar perseguições de Hera, o que manifesta a constante mudança (devir) que caracteriza o deus do vinho.

Ainda pequeno, Dionísio é enviado aos cuidados das Ninfas.¹ Quando adolescente, Dionísio colhia algumas frutas, geralmente uvas, que espremia fazendo suco para beber e dançar juntamente com as ninfas e com os sátiros, que começavam a dançar ao som de símbolos, dançavam tão freneticamente que caíam em estado de exaustão. Surgindo, assim, os

¹ Segundo Vasconcellos, há outra versão da origem de Dionísio. Os Titãs, incitados por Hera, devoraram o pequeno deus. Zeus furioso fulminou com o seu raio os Titãs, e das cinzas deles surgiram os homens, nem totalmente bons nem totalmente maus. O coração de Dionísio, porém, teria sido salvo por uma deusa e dado a Sêmele que o engoliu e, assim, engravidou. Com isso, ele renasceria sendo deus e sempre imortal. (VASCONCELLOS, 1998, p. 101).

cultos a Dionísio do qual falaremos adiante. Além de deus do vinho, das orgias e dos prazeres, Dionísio também era deus dos do fogo, dos campos e da fertilidade. E diferente de Apolo, que na mitologia grega representa a razão, Dionísio expressa algo oposto, algo mais íntimo do ser, a embriagues criativa que parte do inconsciente, dos instintos e da irracionalidade. (VASCONCELLOS, 1998, p. 99-101).

2.2 Os rituais dionisíacos: da individuação ao estado de êxtase

Os cultos dionisíacos, realizados na Grécia antiga, eram ritos religiosos ao deus Dionísio, deus do vinho, das festas, das orgias. Nesses cultos, as pessoas bebiam vinho, dançavam e cantavam ao som de flautas, até chegarem ao êxtase. Nesse estado, o indivíduo se esquece de si mesmo, em função da embriagues e da euforia da música. Esse ritual tinha como objetivo proporcionar aos participantes um encontro com o deus, pois no estado de êxtase o ser humano entra em um estágio mais elevado, como uma sensação de imortalidade. Nas palavras de Nietzsche:

Cantando e dançando, manifesta-se o homem como membro de uma comunidade superior: ele desaprendeu a andar e falar, e está a pronto de, dançando sair voando pelos ares. De seus gestos falam o encantamento. Assim como agora os animais falam e a terra dá leite e mel, do interior do homem também soa algo de sobrenatural: ele se sente como um deus, ele próprio caminha agora tão extasiado e enlevado, como vira em sonho os deuses caminharem (2007, p. 28).

Desse modo, para Nietzsche, no estado de “êxtase o homem chegava a uma nova dimensão, saindo de sua própria medida, ou seja, de seu estado civilizado, regido pelo estado apolíneo”. Com isso, “ao entrar em uma dimensão dionisíaca, rompe-se com as barreiras estabelecidas pela

individualização para uma realidade nua e crua, onde a felicidade e o sofrimento, essa realidade humana aparecem de forma mais vibrante, ascende no fundo mais íntimo do homem” (NIETZSCHE, 2007, p. 27). Nesse momento de êxtase dionisíaco, ao entrarem em comunhão com outros e ao romperem com o estado de individualização, os seres humanos encontram-se em pé de igualdade e, portanto, agora:

O escravo é homem livre, agora se rompem todas as rígidas e hostis delimitações que a necessidade, a arbitrariedade, ou a “moda impudente” estabeleceram entre os homens. Agora, graças ao evangelho da harmonia universal, cada qual se sente não só unificado, conciliado, fundido com o seu próximo, mas um só, como se o véu de Maia tivesse rasgado e reduzido a tiras, esvoçasse diante do misterioso Uno-primordial (NIETZSCHE, 2007, p. 27).

Os rituais dionisíacos possibilitavam a expressão de sentimentos e pulsões fundamentais para a existência humana. Nesses momentos, os seres humanos elevavam-se a uma dimensão divina, a um estado de êxtase que rompia momentaneamente a rigidez do logos e as regras racionais. Não por acaso, Nietzsche exalta a arte trágica justamente por ela preservar e expressar os elementos dionisíacos, harmonizando-os com a dimensão apolínea.

3 A arte como expressão do apolíneo e dionisíaco

A estética nietzschiana tem a sua fundamentação metafísica através dos dois impulsos da natureza: o apolíneo e o dionisíaco, os quais estão presentes na origem da tragédia grega. Nesse sentido, a arte não é criada pelos homens, mas apenas imitada através dos os impulsos artísticos. Para Nietzsche, é a arte que traz sentido para à existência do mundo, pois é por

ela que a vida se faz suportável e digna de ser vivida. A estética para os gregos é a manifestação que expressa a própria vida. Segue-se que:

No que tange à arte e vida podemos denominar apolíneas as manifestações que expressam exatidão, harmonia, prudência, ilusão (como por exemplo, as artes plásticas) etc. e as dionisíacas as manifestações que expressam desmedidas, vibrações, autenticidade (como por exemplo, a música, o sofrimento, o sexo) entre outros (GONTIJO, 2006, p. 1).

No entanto, como é possível a arte a partir desses dois conceitos dicotômicos? Seguiremos os passos de Nietzsche e analisaremos os impulsos de modo separado. O aspecto apolíneo, advindo do deus Apolo, que representa a racionalidade, tem como atributos os elementos estéticos formais. Trata-se da própria arte plástica que se ocupa com a forma, a cor, com busca pela simetria, beleza e luz.

Todavia, essa mesma luz que clarifica e ilumina, também pode vir a cobrir e sombrear uma realidade, porque “Apolo enquanto deus da experiência onírica (do sonho), é um deus ilusório. A luz, quando em excesso, faz apenas cegar os olhos, enganar-nos”. (PAES, 2013, p. 149). Pois é no sonho e no sono que o artista se encontra com as formas e essas se tornam como uma necessidade reparadora. Apolo traz essa vontade ao dar uma leveza a tudo, incluindo as sensações mais árduas da vida. Apolo é o próprio controlador das pulsões humanas, “aquilo que Schopenhauer observou a respeito do homem colhido no véu de Maia” (NIETZSCHE, 2007, p. 26-27).

Assim como Nietzsche, outros filósofos buscaram interpretar a arte grega: como Goethe, Schiller. Entretanto, segundo a filosofia nietzschiana, esses pensadores interpretaram a arte apenas segundo o aspecto apolíneo. Nietzsche pensou além dos aspectos formais da arte advinda da

racionalidade. Nesse sentido, é nos cultos dionisíacos, já mencionados aqui no texto, que ele descobre o impulso ou ímpeto originário presentes no nascimento da tragédia: “a essência do dionisíaco, que é trazido a nós, o mais de perto possível o dionisíaco, pela analogia da embriaguez” (NIETZSCHE, 2007, p. 27).

O impulso artístico dionisíaco, expresso pela figura de Dionísio, deus do vinho, da embriaguez, das festas e orgias, tem como características estéticas a informalidade advinda da criatividade do inconsciente, como as exaltadas nos cultos a Dionísio. Apolo também é deus da música, no entanto, a música apolínea é harmônica e regida por uma busca de perfeição sonora das notas. Em contrapartida, a música dionisíaca é tocada pela agressividade melódica das notas vindas da natureza. Como nos aponta Nietzsche:

Se a música aparentemente já era conhecida como uma arte apolínea, ela o era apenas, a rigor, enquanto batida ondulante do ritmo, cuja força figurada foi desenvolvida para a representação de estados apolíneos. A música de Apolo era arquitetura dórica em sons, mas apenas em sons insinuados, como os que são próprios da cítara. Mantinha-se cautelosamente à distância aquele preciso elemento que, não sendo apolíneo, construiu o caráter da música dionisíaca e, portanto, da música em geral: a comovedora violência do som, a torrente unitária da melodia e o mundo absolutamente incomparável da harmonia (2007, p. 31).

Através dos cultos, Dionísio expressa a realidade, diferentemente de Apolo que mascara o real, pois Dionísio manifesta a vida tal como ela é. Nesse sentido, como apresentado no mito, “Dionísio é a expressão da vida como uma experiência autêntica, na qual a alegria é vivida quando a situação o pede e o sofrimento não é negado quando a dor se lhe apresenta” (GONTIJO, 2006, p. 3). Com isso, o dionisíaco manifesta aquilo

que constitui a esfera mais básica da existência humana, a saber: os instintos, sentimentos, pulsões, desejos e vontades.

Nietzsche percebeu que os gregos, pela sua arte e cultura, reconheciam essa dimensão da natureza humano, além do lado da beleza, uma vez que o homem grego ultrapassa o consolo apolíneo e o princípio de individuação, ou seja, a noção de espaço, tempo e causalidade. De modo análogo ao êxtase dos rituais dionisíacos, o artista é lançado para uma realidade onde o impulso vital aparece em maior intensidade, onde o sofrimento e o horror da vida aparecem de forma mais veementes. Desse modo, o ser humano retorna a sua essência, retornando a sua natureza mais originária, voltando a ser unidade com a vontade, em seu estado unoprimal.

Entretanto, não se pode compreender os impulsos artísticos, apolíneo e dionisíaco, como elementos independentes. Muito pelo contrário, a arte em seu contínuo desenvolvimento só é possível por um movimento dialético desses impulsos que estão sempre em tensão e matrimônio e, portanto, são elementos complementares. Nas palavras do filósofo alemão:

Teremos ganho muito a favor da ciência estética se chegarmos não apenas à inteligência lógica mas à certeza imediata da intuição que o contínuo desenvolvimento da arte está ligado à duplicidade do apolíneo e dionisíaco, da mesma maneira como a procriação depende da dualidade dos sexos, em que a luta é incessante e onde intervêm periódicas reconciliações (2007, p. 24).

Nesse sentido, através dos recorrentes movimentos de embate, nos quais esses dois fenômenos se acham mesclados e imbricados, é possível a criação artística. Isso porque Dionísio emerge em imagens apolíneas e

Apolo se exprime em um fundo dionisíaco, ultrapassando o horror da visão dionisíaca. Disso decorre que:

Para Nietzsche, sem essa relação complementar, ou melhor, sem a “aliança fraterna” entre Apolo e Dionísio a tragédia não seria um espetáculo possível. Isso porque Dionísio necessita de Apolo para tornar a tragédia um espetáculo, uma ilusão de “belas aparências”. Se Dionísio confere vigor ao espetáculo trágico – principalmente por meio da música permitindo-lhe ser uma mimeses visceral, emocionante da vida, Apolo, por sua vez, confere medida à essa emoção, tornando-a uma experiência suportável e até mesmo apaziguadora (GONTIJO, 2006, p. 5-6).

Portanto, esses conceitos, embora antagônicos, fazem parte de uma mesma realidade e harmonizam-se no ser humano. Todavia, segundo Nietzsche, a tradição filosófica valorizou apenas uma dessas dimensões, em detrimento de outra, a saber: a apolínea em detrimento da dionisíaca. Tal fato pode ser prejudicial à sociedade, pois tende a ressaltar a dimensão racional e eliminar a instintiva. Com o surgimento do pensamento filosófico, passou-se a valorizar apenas a arte apolínea, esquecendo-se da dionisíaca, de modo que a arte perdeu o seu sentido enquanto manifestação da loucura e do instintivo. Daí, pois, a necessidade de se resgatar a dimensão dionisíaca, de modo a harmonizar a existência humana.

4 O resgate da dimensão dionisíaca

A filosofia nietzschiana tem como objetivo um resgate do aspecto dionisíaco presente na realidade humana, expresso pelos instintos e desejos. Isso porque, depois da história da arte trágica, tal pulsão fora recalçada e passou-se a priorizar o conhecimento da causalidade expresso através do apolíneo. Não apenas a ciência, mas a filosofia e a arte

exaltaram a busca por uma racionalidade, uma perfeição conceitual, de modo que todo ser deve ser passível de representação abstrata. Com efeito, os sentidos, instintos, paixões e desejos são qualificados como obstáculos ao conhecimento da verdade pura, *a priori* e abstrata. Nesse sentido, deu-se ênfase a razão, em prol de uma objetivação da verdade.

Segundo Nietzsche, a decadência humana e cultural inicia-se com a origem da filosofia, mais especificamente com Sócrates. Ao afirmar que a essência humana encontra-se na alma ou razão, Sócrates introduz no pensamento ocidental a negação dos elementos dionisíacos. Com isso, o conhecimento e a razão tornam-se virtudes, já as emoções, vontades e desejos são fontes de vícios e de degeneração humana. Dessa maneira, Sócrates rompe com a cultura trágica e inaugura um modo de pensar o ser humano que considera a dimensão dionisíaca como negativa. A partir de Sócrates, Platão introduz um forte dualismo na filosofia, separando a realidade em sensível e suprassensível, de modo a considerar aquela falsa e essa verdadeira. Com isso, a verdadeira causa do sensível passou a residir no abstrato, no âmbito metafísico ou no mundo das ideias. O mundo, portanto, torna-se aparência, erro, sombras e ilusões que precisam ser superadas para a contemplação da verdadeira realidade.

Essa mesma relação binária e hierárquica aplica-se ao corpo e à alma, aos sentidos e à razão, de modo que se faz necessário rechaçar o dionisíaco para afirmar o apolíneo. Seguindo essa ontologia binária, o cristianismo empobreceu o mundo real e negou a vida, em prol de um mundo metafísico, reforçando a ideia de que o mundo terreno é falso e que a verdade, o bem e a felicidade estão no além. Ademais, aqui há uma moralização da negação da vida, pois todos os impulsos dionisíacos são considerados pecaminosos, enquanto a elevação apolínea é fonte de virtude e distinção moral. Essa mesma tendência é encontrada na razão

moderna, a qual exige a negação da realidade e dos sentidos para o conhecimento claro, evidente e indubitável da razão pura.

Portanto, a filosofia tradicional aponta para o predomínio da razão e do apolíneo, em detrimento das pulsões dionisíacas. Consequentemente, optou-se por uma busca pela ordem e o equilíbrio. Sócrates, para o filósofo alemão, foi o grande precursor da decadência da humanidade, uma vez que com ele a vida tornou-se fonte de moralidade, como se a vida devesse ser julgada ou justificada pela ideia ou por uma moral, pelo que até mesmo o conhecimento tornou-se fonte de moralidade. Daí em diante, o pensamento filosófico reforçou essa tendência de negação da dimensão dionisíaca e afirmação da apolínea.

No entanto, segundo Nietzsche, esse foi um grave erro cometido pela tradição filosófica, pois a vida humana é constituída tanto por elementos apolíneos quanto por dionisíacos. Por isso, a eliminação das pulsões dionisíacas significa a negação da vida, uma vez que se nega algo que é fundamental para a vida humana, a saber: a vontade, os desejos, as pulsões, os instintos e tudo aquilo que mais primariamente constitui a existência humana na terra. Muito antes de tornar-se racional e apolíneo, o ser humano é dominado por impulsos dionisíacos, pois nasce tomado por vontades e desejos que são fundamentais para a sua existência. Sem a afirmação dessas vontades, não há vida.

Dessa maneira, perante a constante e sistemática afirmação dos elementos apolíneos pelo pensamento ocidental, a filosofia nietzschiana representa um vigoroso resgate e afirmação da dimensão dionisíaca. Isso porque a racionalização total da realidade empobrece o mundo e produz uma negação da pulsão de vida. O resgate do dionisíaco significa a revalorização do mundo, da vontade e da vida. É, pois, necessário reequilibrar as dimensões apolínea e dionisíaca, de modo a tornar essas

pulsões (contrárias) harmônicas e complementares. Por isso a importância da arte trágica, pois nela o dionisíaco se expressava através do apolíneo e vice-versa, compondo assim uma harmonia de contrários que enriquecia o mundo e exaltava a vida.

Considerações finais

Ao analisarmos a filosofia estética nietzschiana, percebe-se uma busca pela valorização da arte em relação ao conhecimento, como forma de resgate de um equilíbrio do homem e da cultura. Isso porque a filosofia tradicional inaugurou a fragmentação humana e a vitória de Apolo sobre Dionísio, em função da busca por uma perfeição e ordem, por uma sociedade civilizada e estática. Todavia, recalcaram-se os desejos, as vontades e os sonhos, elementos que são naturais no ser humano.

Nesse sentido, Nietzsche fará uma forte crítica à cultura do seu tempo, sobretudo à alemã, por instaurar o império da razão, onde saber é poder, de modo que o próprio conhecimento tornou-se fonte de prescrições morais. Nesse contexto, ser virtuoso é se adequar as máximas impostas pela razão e, assim, a vida não passa mais a ser vivida, mas julgada e justificada. Não são poucas as tragédias produzidas pelo excesso de razão no contexto contemporâneo. Nesse cenário, as críticas nietzschianas tornam-se extremamente relevantes, pois a exaltação do apolíneo (e negação do dionisíaco) significa o empobrecimento do mundo e da vida.

Dessa maneira, é só a partir do fenômeno estético que a vida pode ser justificada. A arte representa a síntese dos elementos contrários, apolíneos e dionisíacos, de modo a conjugar pulsões fundamentais para a existência humana. O fenômeno estético foge da racionalização filosófica,

preservando a dimensão dionisíaca que valoriza o mundo e a vida. Portanto, a arte é a atividade metafísica mais elevada, somente a arte pode justificar o mundo e a sua existência, somente com ela tornamos a vida digna de ser vivida e de artista passamos a ser obra de arte.

Referências

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Tradução Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 2007.

DIAS, Rosa Maria. A influência de Schopenhauer na filosofia da arte de Nietzsche em O nascimento da tragédia. **Cadernos Nietzsche** v.3, p. 07-21, 1997.

GIACOIA JUNIOR, O. **Nietzsche**. São Paulo: PUBLICAFOLHA, 2000.

GONTIJO, Fernanda Belo. O apolíneo e o dionisíaco como manifestações da arte e da vida. **Existência e arte**: Revista Eletrônica do grupo PET- Ciência Humanas, Estéticas e Artes da Universidade Federal de São João Del- Rei, ano II, jan/ dez, dez. 2006.

BORGES, André de Barros. **O ensinamento nietzschiano através do gênio para a formação de um novo tipo humano**. 2004. Tese (Doutorado em filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Puc-Rio, Rio de Janeiro, 2004.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche**: a transvaloração dos valores. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche**: das forças cósmicas aos valores humanos. São Paulo: Editora brasiliense, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich W. **A Gaia Ciência**. 3.ed. Tradução Edson Bini, Márcio Pugliesi e Noberto de Paula Lima. São Paulo: Hemus, 1981.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Tradução, notas e prefácio: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PAES, Carolina Casarin. O apolíneo e o dionisíaco no pensamento de Nietzsche. **Anais do 2º Encontro de Diálogos Literários**. Curitiba: Universidade Estadual do Paraná, p. 145-152, 2013. Disponível em: <https://dialogosliterarios.files.wordpress.com/2013/12/40.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

SALES, J. A dissolução da subjetividade na via estética de Nietzsche. **Griot: Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 88-98, 2014. DOI: 10.31977/grifi.v9i1.597. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/597>. Acesso em: 16 nov. 2021.

SANTOS, Viviane. O universo apolíneo e dionisíaco da tragédia grega no pensamento de Nietzsche "Existência e Arte". **Revista Eletrônica do Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei**, ano IV, n. IV, jan./dez. 2008.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **Mitos Gregos**. São Paulo: Objetivo. 1998.

WEBER, José Fernandes. A teoria Nietzscheana da Tragédia. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 30(1). p. 205-223, 2007.